

A IDOLATRIA DOS DIAGNÓSTICOS PSIQUIÁTRICOS

William Freitas da Silva e Silva¹

Resumo

A idolatria pode se apresentar de formas sutis e imperceptíveis a olhares bíblicos menos atentos. A queda que é descrita em Genesis 3 não passa de uma lenda para o homem do século atual. No entanto, esse capítulo descreve um comportamento idolatra que tenta definir o que é bem e o que é mal. Crenças científicas tem se tornado em teorias normativas e amplamente aceitas pela racionalização para o pecado que encerram; perguntas derivadas pela descrença somente têm levantado perguntas para as quais não apresentam respostas; ídolos tem entregado o contrário do que prometem e, nesta caminhada, o homem tem ficado cada vez mais distante da verdade que liberta. Este breve artigo pretende servir de orientação para o conselheiro que se depara com o ídolo do diagnóstico psiquiátrico que é fruto, em muitos casos, de premissas idolatras que excluem a possibilidade de responsabilização diante de um Deus justo, reto, santo, infinito e pessoal. Não se pretende demonizar a ciência, mas questionar os rótulos impostos a partir de diagnósticos que devem ser questionados pelos pressupostos idolatras que os sustentam e que redefinem a essência do que significa ser humano.

Introdução

A idolatria varia em forma e conteúdo, mas a dinâmica é sempre a mesma, qual seja: os ídolos criam expectativas de satisfação plena de desejos e se apresentam como controláveis e manipuláveis². A verdade, no entanto, é que entregam o contrário do que prometem: destruição ao invés de satisfação e escravidão àqueles que se acreditavam no controle e, neste processo, o idolatra passa por uma redefinição de crenças e valores que afetam seus comportamentos.

¹ William Freitas é Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Especialista em Teologia Bíblica (CPAJ 2016), mestre em Missiologia (AMIDE 2015) e mestre em aconselhamento bíblico (CPAJ 2021)

² Quando as pessoas são grandes e Deus é pequeno. Vencendo a pressão do grupo, a Codependência e o temor do homem. Edward T. Welch, p.46

Este artigo pretende discutir as distorções cognitivas e espirituais resultantes da idolatria do diagnóstico psiquiátrico que tem exercido o poder de justificar e determinar comportamentos pecaminosos³.

O artigo será desenvolvido em duas etapas. A primeira apresentará algumas premissas idolatras que tentam redefinir o ser humano na sua essência com o efeito placebo de suas intervenções psicanalíticas e a segunda será a discussão do resultado pretendido que é o de se criar uma alternativa à responsabilidade pessoal e moral diante do Criador.

Premissas idolatras do desenvolvimento humano

Os estudos das teorias da personalidade são biblicamente inaceitáveis pelas redefinições que propõe sobre a essência do ser humano. O homem é definido a partir de si mesmo e a responsabilidade pessoal diante de um criador é uma heresia. Estabelece-se, na verdade, um outro conjunto de crenças que faz com que métodos e diagnósticos estejam intrinsecamente comprometidos com premissas idolatras.

Freud, que foi influenciado pelas teorias evolucionistas de Darwin, serviu de base para algumas teorias psicanalíticas do desenvolvimento humano. Desenvolvimento psicosexual, fase anal, oral, oral sugadora, anal e anal expulsiva são alguns conceitos que, ao proporem uma definição para o desenvolvimento humano, acabam por distorcer e limitar a própria identidade do homem que foi criado a imagem de Deus.

Estas abordagens têm sido consideradas para a compreensão do funcionamento das partes inconscientes mais profundas e se tornaram essenciais para a investigação e tratamento psicanalíticos.⁴ Um exemplo é uma das linhas investigativas sobre psicoses que se baseia em supostas fantasias inconscientes iniciais dos fetos. Em que pese, o denso arcabouço teórico desenvolvido, basta olhar um pouco mais crítico para se verificar a impossibilidade de que esta seja uma premissa cientificamente válida, como se propõe.

³ Os questionamentos terão como base as obras de Thomas S. Szasz: O mito da doença mental e a fabricação da loucura, entre outras citadas ao longo do artigo. Thomas Stephen Szasz foi um acadêmico e psiquiatra húngaro-americano que atuou como professor de psiquiatria na State University of New York Upstate Medical University em Syracuse, Nova York..

⁴ Psicoses Funcionais, Abordagem psicanalítica. Antônio Carlos Pacheco e Silva Filho, p.1,2

A crítica em relação às pretensões científicas desta área da investigação humana parte de seus próprios pesquisadores. **Numa revisão bibliográfica, Bertgeret⁵ critica com propriedade os primórdios das explicações sobre a constituição e dinâmica do caráter humano que se baseavam em injunções metafísicas obtidas a partir de critérios físicos e fisiológicos.** O autor considera que muitas destas tentativas são reducionistas ao apresentarem o conceito de caráter. Este autor, ao defender que o caráter é um reflexo visível da estrutura de base da personalidade ou o “sinal exterior de riqueza ou pobreza estrutural”, elimina qualquer possibilidade de determinação de uma base científica que explique a complexidade humana.

A análise de outras abordagens que tentam explicar a natureza humana aponta para um resultado prévio do que já se pode vislumbrar, qual seja, a de que todas buscam definir o homem a partir de si mesmo e a partir de crenças não cientificamente comprováveis. Todas, sem exceção, ainda apontam para a exclusão do Criador e de suas leis, o que necessariamente as categorizam como versões cientificamente refinadas da idolatria.

Os métodos e resultados das abordagens científicas que tentam definir o que é ser humano estão aprisionadas às suas premissas idolatras. Ao apresentar uma divisão funcional do cérebro que justifique a capacidade intelectual humana, os neurocientistas defendem que existem estruturas superiores responsáveis pelo pensamento que evoluíram a partir das estruturas inferiores responsáveis pelos instintos mais básicos como respiração, digestão e que estão presentes, também, nos animais⁶. A teoria da evolução, no entanto, não passa de mais uma crença que somente é apresentada como cientificamente comprovada por pessoas desinformadas ou intelectualmente desonestas.

O homem, ao querer ser autônomo, tem apenas levantado perguntas para as quais não tem conseguido apresentar respostas. O que pode ser constatado dentro da experiência verificável é que as eventuais respostas encontradas não têm entregado o que propõe e tem levado o homem para cada vez mais longe do seu Criador.

⁵ Personalidade normal e patológica. Jean Bergeret, p.159-168

⁶ Compreendendo o cérebro. Rumo a uma nova ciência do aprendizado. OCDE, p.73,74

Lévi-Strauss defende a existência de um corpo explicativo de conceitos que seja capaz de articular os diversos elementos que explicam as dúvidas relacionadas à doença e ao sofrimento, de forma que o paciente possa ver as suas inquietações justificadas e explicadas dentro deste quadro de referência. Assim o paciente deve ser “convertido” ao sistema explicativo para que possa ser curado⁷. Existe um paralelo com a dinâmica de uma psicoterapia, pois neste caso o paciente deve compreender que o corpo teórico escolhido pelo psicoterapeuta pode explicar o sofrimento vivenciado tornando-o tolerável, o que facilitaria o processo de cura. Essa abordagem para compreender o sofrimento é importante, por este ser fundamentalmente uma experiência com causas não compreendidas e com efeitos negativos.

Foucault defende que a patologia mental goza do mesmo privilégio da patologia orgânica com relação a objetividade de seus possíveis diagnósticos⁸. No entanto, ao descrever as psicoses como uma perturbação global da personalidade e as neuroses com uma perturbação apenas parcial, coloca a personalidade como o objeto de estudos e afirma: “*A personalidade, torna-se, assim, o elemento no qual se desenvolve a doença, e o critério que permite julgá-la; é ao mesmo tempo a realidade e a medida da doença*”. Nada mais subjetivo.

As abordagens citadas acima têm por objetivo mostrar que a tendência pecaminosa do homem em buscar respostas autônomas em relação ao seu criador não cessou desde o Éden e, apesar dos refinamentos teóricos, não passam de crenças subjetivas com efeitos placebo e sem autoridade normativa para a vida do cristão.

Responsabilidade pessoal e moral diante do Criador

A criação tem propósitos definidos por Deus e funciona a partir de princípios que a conduzem ao cumprimento destes propósitos e é impossível que qualquer criatura altere esta verdade tão elementar. O homem, limitado a uma criatura, pode, no máximo tentar perverter a ordem criada para o seu próprio prejuízo, e é o que tem feito.

⁷ A Cura no Vale do Amanhecer. Galinkin, Ana Lucia, p. 14-15

⁸ Doença mental e psicologia. Michel Foucault p.14,15

Esta perversão tem ocorrido de diversas formas. Uma delas é a súpil, porém reiterada, negação da responsabilidade pessoal e moral diante do Criador. Isto faz parte de uma cosmovisão, onde o universo passa a ser considerado como um ente fechado em si mesmo e criador de suas próprias regras e nesta cosmovisão, justificativas são criadas para negar a possibilidade de um Deus criador, santo e infinito.

A ciência, ao tentar justificar desvios de comportamento com rótulos psiquiátricos de doenças mentais, torna os limites da responsabilidade pessoal indefinidos. As bases para isso são diagnósticos que, muitas vezes, não consideram os critérios científicos que defende, e aí está o paradoxo da psiquiatria. Como afirma, Tomas S, Szasz, médicos são treinados para tratar de doenças do corpo e não de doenças econômicas, sociais, religiosas ou políticas e se tornou não científico tratar alguém que age ou parece estar doente como se ela não o estivesse⁹. Em outras palavras, em muitos casos, a pessoa acaba sendo tratada como doente, mesmo que não esteja.

Ainda segundo este autor, a psiquiatria não é um empreendimento médico, mas sim um empreendimento moral e político onde as intervenções psiquiátricas lidam com problemas morais e não médicos e o tratamento psiquiátrico mais parece com crenças impostas a força. O diagnóstico psiquiátrico, muitas vezes, omite problemas morais e estabelece padrões normativos a partir de teorias psiquiátricas e o resultado é que algumas pessoas passam a se enxergar como doentes apenas depois de terem sido rotuladas¹⁰.

Neste processo, alguns conceitos sem paralelos práticos são definidos em função de interesses e valores dos seus próprios conhecedores, tais como doença, neurose, psicose e tratamentos que passam a se constituir nos principais substantivos falsos da psiquiatria substituindo um processo de responsabilização. Pacientes, diagnósticos, hospitais, instintos, funções endócrinas, libido e energia psíquica são alguns recursos que visam medicalizar e controlar o comportamento humano ¹¹, que deveriam ser normatizados pelas leis do Criador, e não serem entregues a lei da criatura.

⁹ O mito da doença mental e a fabricação da loucura. Thomas S. Szasz, p.9

¹⁰ Cf. Szasz. Op., cit., p. 13

¹¹ Cf. Szasz. Op., cit., p.18

A maior parte das teorias psiquiátricas tradicionais e modernas, afirma que o comportamento pessoal é determinado por eventos históricos e pessoais anteriores e desprezam as explicações do comportamento humano em termos de responsabilidade e escolhas. O homem é considerado como um ente passivo arrastado para o futuro por forças irresistíveis que, de forma inconsciente, são consideradas como as causas e os resultados de impulsos instintivos e experiências prévias da vida. Apesar destas afirmações serem insustentáveis, inverificáveis e palpavelmente falsas são, no entanto, amplamente aceitas. Deve-se, portanto, reintroduzir a liberdade, a escolha e a responsabilidade no corpo conceitual e no vocabulário da psiquiatria, pois a predição de um evento pode servir tanto para fazer com que ele ocorra, como para que seja evitado¹².

A história que é contada diz que a explicação para as doenças mentais substituiu as respostas que a feitiçaria dava para os comportamentos inadequados e que isto ocorreu em função da queda do poder e das crenças das instituições religiosas no final do século XVII. Tornou-se necessário, portanto que o novo proponente das soluções impusesse valores e regras sociais que permitisse que suas respostas se adequassem a qualquer problema que aparecesse¹³.

Este relato é uma versão atualizada de Genesis 3.5 *“Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”*. Vários séculos se passaram, mas o homem continua tentando ser como Deus e definir o que é o bem e o que é o mal. O homem, ao tentar se colocar, no lugar de Deus passa a criar novos padrões e referências sobre o que é normal. O pecado deixa de existir, novas formas de existência e de se definir o homem são aceitas e o abismo se torna cada vez maior.

Edward Welch levanta a seguinte questão: “Meu cérebro é o responsável pelos meus atos?”¹⁴. Esta é uma pergunta complexa que exige alguma imparcialidade para que se obtenha uma resposta honesta. Deve-se considerar que comportamentos podem ser modificados de forma significativa por causa de

¹² Cf. Szasz. Op., cit., p.20,21

¹³ A fabricação da loucura, um estudo comparativo entre Inquisição e o movimento de saúde mental. Thomas S. Szasz, p.215

¹⁴ Blame It on the Brain? Edward T Welch, p.11

desordens cerebrais autênticas ou até mesmo por indisposições transitórias como um forte cansaço, por exemplo. Quem já não deu uma resposta mais brusca quando estava um pouco mais cansado ou estressado?

A questão, no entanto, é: Até onde vai a limitação orgânica ou química e onde começa a responsabilidade pessoal que temos, como cristãos, diante de Deus e do nosso próximo. Esta é uma resposta que certamente irá variar de caso a caso, porém algumas linhas gerais precisam ser estabelecidas, para o aconselhamento bíblico que certamente não passam pela redução do homem a um amontoado de células aleatoriamente organizadas que vivem a partir de uma moral e uma ética, também aleatórias. Esta escolha de fé elimina aquilo que define o homem como ser humano, que é a sua imagem e semelhança com o Criador. O resultado não poderia ser outro: irresponsabilidade moral e tentativas de redenção química de pecados.

Problemas físicos e orgânicos adquiridos podem afetar estados e comportamentos, mas não são os fatores geradores de comportamentos pecaminosos, apenas revelam o que já é residente no coração.

A palavra de Deus afirma de forma clara que o pecado reside no homem e que a resposta adequada é suportar com perseverança a provação para que se receba a coroa da vida como um prêmio para aqueles que amam a Deus.

12 Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam. 13 Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. 14 Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. 15 Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte. Tiago 1.12-15

Um aconselhamento bíblico não pode se curvar a idolatria dos diagnósticos psiquiátricos, apesar de toda a prudência que a situação exige. O conselheiro não pode admitir, sob pena de perder o propósito da sua atuação de levar as pessoas a Cristo, que químicas e terapias idolatras substituam a palavra de Deus na vida do cristão. O grande desafio é o de ajustar a aplicação da palavra à realidade cognitiva da pessoa, algo que os missiológos denominam de contextualização cultural e que aqui chamamos de contextualização pessoal.

Neste tipo de contextualização, deve-se definir onde termina a necessidade de controle químico do comportamento e onde começa a responsabilização pessoal diante de Deus e do próximo.

O estado daquele que procura o aconselhamento não pode ser o elemento definidor do propósito do aconselhamento que é o de levar a um maior amadurecimento espiritual.

Maturidade espiritual é um conceito que precisa ser bem definido.

Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele, arraigados e sobre-edificados nele, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, nela abundando em ação de graças. Colossenses 2:6,7

O livro de Colossenses trata da total suficiência de Jesus Cristo para todas as áreas da vida do Cristão.

Vamos refletir sobre estes versículos ponto a ponto:

➤ Receber a Cristo é reconhecer Cristo como o Senhor (dono) da nossa vida.

➤ Andar em Cristo é conhecê-Lo ao ponto de poder imitá-lo em todas as dimensões da nossa vida. É ter uma conduta diária e constante modelada por Cristo.¹⁵

➤ Estar arraigado e sobre-edificado em Cristo significa que as nossas estruturas emocionais e espirituais estarão fundamentadas numa atuação contínua do Espírito Santo na nossa vida.

➤ Confirmado na fé como nos foi ensinado, nela abundando em ação de graças significa ter uma fé que produz frutos visíveis e que é acompanhada por um amor autêntico e por uma esperança inabalável de que um dia o mundo como conhecemos passará e teremos uma vida eterna servindo a Cristo.

Maturidade espiritual é receber a Cristo, andar em Cristo e estar arraigado em Cristo. Isto implica que devemos desenvolver um afastamento radical do pecado e é isto que está em jogo quando usamos diagnósticos psiquiátricos para racionalizar o pecado. Este deve ser o principal recurso do conselheiro que se depara com o ídolo do diagnóstico psiquiátrico.

A carta de Paulo aos Colossenses, especificamente no texto que se encontra de 3.1 a 4.6 é um texto pequeno, mas muito rico pela quantidade e

¹⁵ Bíblia de estudo MacArthur, p.1630

qualidade de imperativos comportamentais ali encontrados. Estes imperativos não são ordens que devam ser cumpridas de forma automática, como se obedece aos sinais de trânsito, mas devem ser seguidos por se tratar da vontade de Deus que é boa perfeita e agradável.

Conclusão

A verdade da cruz deve prevalecer sobre toda e qualquer situação. O que importa é a fidelidade àquele que se entregou numa cruz e morreu para que fosse possível a redenção do homem. O que pode mais importante do que isso? O que tem sido trocado pela fidelidade a Jesus Cristo?

O texto de Romanos 8.28 é um texto chave, pois ali Paulo afirma que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus e que são chamados segundo o seu propósito eterno que é o de nos conformar a imagem de Cristo (Cf Rm 8.29). O texto não fala que coisas necessariamente boas acontecerão, mas sim que tudo o que ocorrer contribuirá para o crescimento.

Esta forma de ver a vida ajuda a passarmos de vítimas das circunstâncias para agentes ativos orientados pela Palavra de Deus¹⁶

É necessário que se aprenda a identificar a soberania, a bondade e a sabedoria em tudo o que ocorre na vida. Muitas coisas são fruto do próprio pecado, outras são consequência de pecados alheios. Deus nunca será responsável pelos pecados que são cometidos, mas Deus poderá usar estas experiências ruins para o fortalecimento do caráter. Um caráter transformado pelo próprio Deus é o que glorifica a Deus neste mundo e cumpre o propósito para o qual o homem foi criado.

¹⁶ Este é o resumo do capítulo que trata sobre a insatisfação do livro: pecados intocáveis de Jerry Bridges.